



A princesa Maria, que se divorciou do príncipe Guilherme da Suécia, tendo ao colo seu filho o príncipe Lennart  
*(Fot. Dellus)*

I Série—N.º 407

# Ilustração Portuguesa

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Lisboa, 8 de Dezembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETÁRIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
 EDITOR JOSÉ JOUBERT CHAVES

Assinatura para Portugal, colónias portuguesas e Hespanha:

Redacção, administração, offic. de composição e Impressão  
 RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent. Semestre..... 2540 cent.  
 Ano..... 4890 cent. Numero avulso. 10 cent.

**CUIDADO!**

*não bebam senão cerveja*

**Hanseatica**

**E' A MAIS SABOROSA**

Rua Dr. José Hygino, 115—RIO DE JANEIRO

BRASIL



**A "PHOSPHATINA FALIÈRES"**

é o alimento mais agradável e recomendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamentamento e durante o período do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrrhêa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

**PARA QUE VIVER?**

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saúde, arte, amor, correspondência, ganhar aos jogos e loerias, pedindo a cartosa brochura gratis, em portuguez, do professor YTALO, 35, Boulevard Bonne-Noub-le, 35 - PARIS.

**Perfumaria Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



**Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos,** CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

**Tonico Amarello** com sello **Viteri**

Preparação desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoras. *Regenera a cãr primitiva.* Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvície, conserva os frisados e ondedos. Não contém enxofre. **Frasco 700 réis** Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. **Deposito geral**

**VICENTE RIBEIRO & C.<sup>a</sup> - 84, R. Panqueiros, 1.º - LISBOA**

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

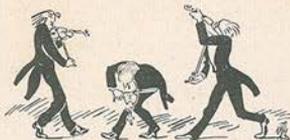
## CRONICA

N.º 407

8-12-1913

### O violino d Ingres

Inaugurou-se em França o «museu Ingres». Ao lado de desenhos admiráveis, que a *patine* doirou, vê-se, n'uma vidraça, um violino. E' o violino que o mestre tocava nas horas vagas. Ingres, que era um grande pintor e que



tocava péssimamente rabeça,—julgo sempre, até morrer, que era um grande rabequista e um pintor vulgar. Todos nós temos o nosso *violino*

*d'Ingres*. Todos nós, mais ou menos, conservamos ácerca de nós proprios uma noção errada e uma ilusão fundamental. O que nos dá prazer não é precisamente aquilo que somos; é aquilo que imaginamos ser. O violino d'Ingres é, afinal, e felicidade. O



violino d'Ingres é uma página humana. O violino d'Ingres é um simbolo eterno. Por isso na exposição de Montauban se vêem mais curiosos em volta da rabeça que Ingres tocou mal, do que em volta dos cartões que Ingres desenhou bem.



### Parlamento

Abriu o Parlamento. Recomeçaram os trabalhos. A violencia, a paixão politica, a nobre injúria intelectual, alma da oratoria parlamentar, animam e aquecem os marmores frios de S. Bento. Rompe a luta. Duas figuras dominam no duelo que se fere: Afonso Costa e Brito Camacho. Uma interrogação enorme flutua e palpita sobre as arquibancadas. Ponderam-se os interesses geraes da nação. Jogam-se o futuro politico dos partidos. E os mesmos episodios repetem-se, ciclicos, regulares, pontuaes, na fatalidade imperturbavel da his-



toria. *Plus ça change, plus c'est la même chose.*

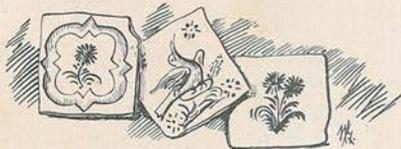
### Imortaes

Hontem, na grande sala setecentista da Academia das Sciencias, evocadas por dois academicos efetivos, duas grandes figuras do passado surgiram: Sousa Monteiro e Bulhão Paoto. Uma meida, arguta, saltitante, fulgindo inteligencia por detraz dos cristaes da luneta, humanista notavel, poeta que trabalhou o verso com a riqueza d'um Medicis e que deixou aos novos Virgílios muito oiro d'Ennio; outro, brilhante, truculento, osseo, octogenario, olho negro, barba branca como uma névoa de prata, a velhice de Tolstoi junta á velhice de d'Artagnan, vivendo na Tebaída do Monte, entre uma ode de Horacio e uma batida ás lebres. Foi a ultima homenagem. A immortalidade abriu aos dois poetas a sua porta de bronze.



### Azulejos

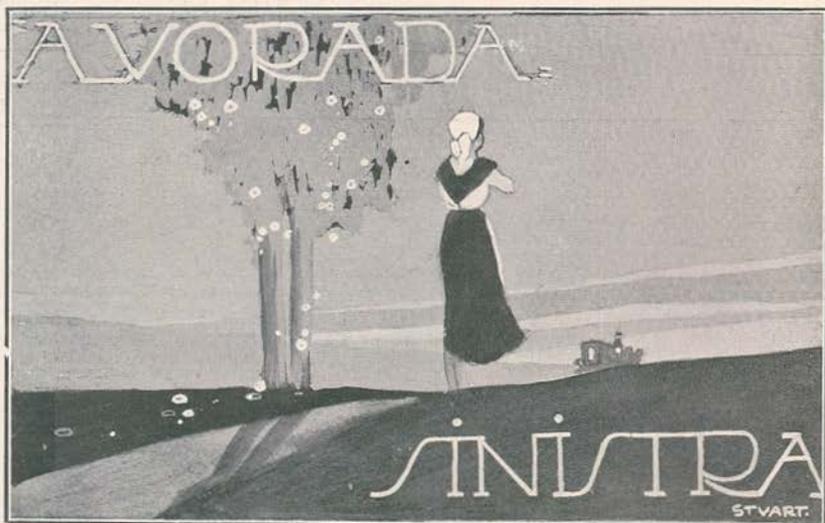
Ha dias, percorri com José Queiroz, o autor do novo livro—*Olarias do Monte Sinai*, os claustrros, os jardins e a casa capitular do paço de S. Vicente. N'um verdadeiro museu de 120.000 azulejos, entre silhâres de tapete do século XVII, fraldelinhos baixos de escada cosidos nas olarias do Rato, paineis joaninos d'altas cabeceiras, onde passam, no clarão do esmalte, as fabulas de La Fontaine, alegretes



fontes, celas, nichos,—ha, no terreiro do jogo da bola uns azulejos policromos do principio do seculo XIX, medalhões azues da fabula, entre molduras de frutos e de plumas de pavão, que são uma maravilha. O tauro em que esses azulejos se embem está a desabar. Porque não salvam e removem esses exemplares unicos,—dos mais belos que teem produzido as olarias portuguezas?

JULIO DANTAS.

Ilustrações de Manuel Gustavo.



O sr. Antoninho de Melo, da illustre casa do «Outeiro», era n'aquella aldeia, uma individualidade verdadeiramente de excepção.

*Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei* — lá diz a sabedoria das nações; mas não tinha o adágio, no presente caso, a sua exata applicação.

Loiro e alto de musculosa e sadia estrutura, fisionomia insinuante e alegre, seria, em toda a parte, o sr. Antoninho, um perfeito rapaz.

N'aquelle ano concluiria ele a sua formatura em direito, vindo para a aldeia, onde, na casa paterna, deveria aguardar o despacho que lhe garantiam invidiáveis serviços eleiçoeiros, devotadamente prestados, outróra, por seu pae, a certo deputado prestigioso.

A perspetiva, pois, de uma longa permanencia ali, decidira-o, desde logo, a tomar parte nas diversões e folguedos da rapaziada da sua geração, não obstante as conveniencias que porventura lhe competisse guardar, em attenção ao grau de bacharel que fôra conferido.

Uma assidua frequencia, assim, de serões e esfolhadas, aproximando-o, vantajosamente do belo sexo d'aquella aldeia, tornára-o, em pouco tempo, um verdadeiro *enfant gaté*, para quem a unica difficuldade de obter mulher, residiria, quando muito, na escolha que, entre tantas, houvesse de fazer.

E, de que assim era, obtinha ele, emfim, uma consoladora prova, na conquista aberta e franca da mais bela e sedutora moça d'aquellas redondezas.

Constituiu um verdadeiro acontecimento a noticia, que logo se espalhou em toda a aldeia, do derriço, confirmado, a seguir, por uma primeira entrevista do sr. Antoninho com a Maria Tereza do Regueirão.

Era esta uma esbelta morena de vinte anos, tipo andaluz, de negras tranças e lindos olhos em amendoa.

Muito estimada sempre, por parte das suas conterraneas, a breve trecho estas lhe voltavam despeitadamente as costas, procurando ridicularisala e escarnecel-a mesmo, tão depressa a pobre tivera a infelicidade de atrair sobre si as attensões do bacharel que, até então, as dispensára, indistintamente, por todas as moças do logar.

Os ditos succediam-se, qual d'elles o mais pitoresco e mordente, passando o derriço de Maria Tereza com o sr. Antoninho, a ser o assunto obrigatorio de frequentes conciliabulos femininos, cujo interesse a progressiva intimidade de relações dos dois amantes nunca deixára arrefecer.

—Que o *dianho* da rapariga andava doudinha de todo pelo fidalgo—dizia uma despeitada loira—e que, ou ela se enganaria muito, ou, mais dia menos dia, não deveria faltar que ver lá no povo...

—Se já o não havia...—acrescentára, maliciosa, uma outra, acotovelando fortemente a sua interlocutora.

—Sim, sim—interviera uma terceira rapariga—isto é sabido: enquanto se não veem as cabeças dos meninos... já se deixa ver, são todas muito honradas... e muito sérias...

—Que o que ela era... era uma *sonsa* muito grande—afirmou-se ainda.

E, d'est'arte, ia a honestidade de Maria Tereza sendo desfolhada, até á sua ultima petala.

Foi ao terminar das vindimas, quando a natureza chora, ao despojar-se das suas galas que Antonio de Melo deixou a aldeia, emigrando assim com as andorinhas.

E' que o esperava em Lisboa o cargo de secretario particular de certo ministro. O emprego, como o tristemente dizia Maria Tereza.

Do cume de um outeiro que dominava a estrada, não cessára de agitar-se um lençinho branco, com o qual a desolada moça ia dirigindo um ultimo e sentido adeus ao seu adorado amante; foi preciso que a diligencia, tendo, lá muito ao longe, dobrado uma derradeira curva da estrada se escondesse definitivamente a seus olhos, para que a pobre rapariga se decidisse a abandonar aquele logar.

E, regressando á triste aldeia, pensava, desalentada:

—Em chegando áquellas terras, nunca mais se lembra de mim!...

junto d'outra mulher, a conduzisse, quem sabe se ao cometimento de um crime, cuja ideia lhe não repugnava já a conceber.

A natureza do cargo que Antonio de Melo fôra exercer, relacionára-o logo com uma sociedade de elegantes famílias da capital, cuja opulencia o deslumbrava, conduzindo-o, em poucos dias, ao esquecimento absoluto de Maria Tereza.

Uma provocante creoula, filha de uns brasileiros milionarios, seduzira o inesperiente rapaz, não tanto pela sua avultada fortuna, como pela exibição dos seus largos decotes.

Náquinha se chamava a noiva de Antonio de Melo, porque o ex-amante da desventurada Maria Tereza, pedira a mão da brasileira, ao fim de um breve mez de relações com sua familia, asentando-se logo em que o auspicioso enlace tivesse logar para a Primavera.

Em trez domingos successivos se fizera na aldeia, por occasião da missa, a leitura dos banhos

De simples boato, tornara-se, porém, n'uma autentica realidade a noticia da vinda dos noivos para aquela aldeia, onde, por uma luminosa tarde de abril, o elegante casal deu entrada, no meio das entusiasticas aclamações de algumas dezenas de populares, que lhe lançavam flores das janelas e balcões das suas modestas casas, fazendo-o passar sob um vistoso arco triumphal, onde se liam afetuosas palavras de saudação aos *exposados*.

Maria Tereza, de quem se apossara uma coragem estoica para arrastar com o espetaculo que se lhe estava deparando, acompanhára sempre os manifestantes, até ao ponto de, com outras rapa-



(proclames) relativos ao casamento de Antonio de Melo com a brasileira.

Maria Tereza ouvira essa leitura, como se fôra a da sua sentença de morte; sabendo-se, porém, objeto de observação da numerosa assistencia de fieis que a rodeava, conseguira ella á custa de um sobrenatural esforço, dissimular, até tornal-a de todo impalpavel, essa dôr horrivel que, n'aquelle momento, lhe apertava o coração.

A's maliciosas perguntas e galhofentas insinuações que, posteriormente, lhe foram dirigidas, ao sair da missa, soubera Maria Tereza responder tambem, com uma intelligencia e serenidade que em breve lhe restituíam o isolamento moral a que a reduzira o cruel esquecimento do amante.

Mas um dia correa na aldeia que os noivos viam ali passar a sua *lua de mel*; e Maria Tereza que, na ausencia de Antonio de Melo, podera sufocar o ciúme que lhe causava a simples ideia da sua traição, começára de receiar que o novo suplicio a que o seu ex-amante a pretendia ainda sujeitar, de ir ali patentear-lhe a sua felicidade,

rigas, dar entrada na propria casa de Antonio de Melo, perante quem a pobre conseguira obter um *facies* de imbecillidade alegre, que deixou maravilhado o seu ex-amante.

—São umas *bestas* autenticas estas mulheres do campo!...—pensava elle, vendo Maria Tereza rir e cantar, com as outras, n'um joguinho de roda que, a pedido da brasileira, se improvisára n'um grande salão do Outeiro:

Uma libra, duas meias libras,  
Oh, que lindas, são de cavalinho!  
Sou firme, sou verdadeira,  
Sou leal ao meu bemsinto.

Tudo isto mu to saltado e muito gritado, n'uma toada alegre, em que a voz de Maria Tereza so bresaia, claramente, á todas as outras, como a todas ellas sobresaíam os seus risos e graçaças.

—Sempre é ter-se bem poucos sentimentos!—comentava-se, entre o mulherio honesto.

—Já se deixa ver! Depois do que, pelo modo, se passou entre eles!

—São talvez d'sfarces de quem ama...—observou alguém.

—Não quero teimas, porque lá amofinada e triste andava ela...

—Joaquina, Amelia, Maria Tereza, vocês não ouvem?—gritava uma das do bando—vinde, d'ahi, todas, se quereis ver o quarto dos esposados que nol-o vae mostrar a senhora Aninhas.

E, de facto, lá foi a senhora Aninhas, uma sexagenaria, antiga criada do Outeiro, seguida por cerca de uma dezena de raparigas, a caminho dos aposentos conjugaes.

Consistiam estes em dois amplos quartos, guardados de um mobiliario antigo, do qual o leito, em torcidos, com um elegante docel e o compe-

Durante a noite afigurára-se-lhe ouvir um ruído de passos, ali dentro, muito proximo de si, e o ranger de uma taboa que algum houvesse levemente calcado, na passagem; e essa impressão fóra, de certo, o motivo d'aquella insonia.

Mas a verdade é que novo ruído lhe pareceu ouvir. D'esta vez, porém, sob o proprio leito. Iria jurar que ali se conversava, em voz baixa, quasi impercetivel.

Por uma janela entreaberta, penetrava uma frouxa claridade. Resolveu então acordar a mulher, a quem levemente acotovelou.

Debaixo do leito pariu então como que um suspiro que ambos ouviram distintamente, chamando Antonio de Melo a atenção de sua mulher para aquele estranho facto:

—Um gato, talvez...—lembrou a brasileira, preguiçosamente—Faze por dormir.

Ouvindo, porém, novo suspiro, saltára Antonio



tente rodapé, em damasco, constituiu o principal objecto da observação dos visitantes.

—Olhae, raparigas—dissera uma—parece uma capela!

E' verdade que sim!—fizeram os restantes.

E logo outra:

—Ele como será o ceu?!...

Eram já as duas da madrugada, quando os noivos se recolheram. A caminho dos seus aposentos, pensára ainda o intrigado rapaz:

—Uma perfeita inconsciencia a d'essa rapariga!... como se coisa alguma se houvesse passado entre nós!... E' de veras curioso!... De resto, antes assim, pois que tanto menor será o remorso que d'essa passada aventura me resulta...

E subiu, despreocupadamente para o amplo leito, onde já se encontrava sua mulher.

Vinha rompendo a madrugada, sem que Antonio de Melo houvesse podido conciliar o sono.

de Melo para o chão, dirigindo se logo a uma janela que abriu de par em par. Todo o quarto ficára assim iluminado pelos primeiros clarões da madrugada; e voltando, para junto de sua mulher, dispunha-se a enfiar-se, de novo, entre os lençoes, quando notou estupefacto, que, de sob o leito, escorria, lentamente, ao longo de uma taboa do soalho, uma estreita lista de sangue!

—Que será isto?!...—fez Antonio de Melo, tomando, com arrebatamento, um braço de sua mulher—Repára, Nequinha...

—Parece sangue—declarou esta, saltando tambem para o chão, e, mais curiosa, do que seu marido, apressou-se logo em erguer o rodapé de damasco, espreitando, a seguir, com Antonio de Melo.

Os dois noivos recuaram, porém, apavorados, perante o horrivel espetaculo que então se lhes deparou: debaixo do seu leito nupcial, jazia, n'um lago de sangue, o cadaver da desventurada Maria Tereza.

Foz do Douro,

ALEXANDRE MALHEIRO



## AMÔR...

Eu bem sei, eu bem sei que não devia  
Prender-me á tua graça. Eu bem conheço  
Quantos remorsos hão-de ser o preço  
D'estas horas supremas de alegria.

Mas a Vida, afinal, é sempre o dia  
Que vae passar. E o bem que eu desconheço  
Se fôsse o que desejo, o que estremeço,  
Nem o sonho maior o sonharia!

De tão eterno, egualaria a morte!...  
Por isso eu quero, em meu abraço forte,  
Ter a ilusão que foge, e que me encanta...

—Que me importa, depois, que venha a dôr?  
Bastam as cinzas quentes d'este amôr  
Para abafar os gritos na garganta!

JOÃO DE BARROS

(Do primoroso livro «Ancieçades» recentemente  
publicado com grande êxito.)

STUART

## O "Serão da Infanta" em S. Carlos



Os srs. dr. Teófilo Braga, autor do libreto, e Rui Coelho, autor da música, com os principais intérpretes da ópera sr.ª D. G. Caldeira, D. Aurora Caldeira, D. Cezarina Lira, D. Laura d'Assunção, D. Virgília Lima e srs. A. Mascarenhas e Carlos Azevedo

Comemorando o 1.º de Dezembro representou-se no teatro de S. Carlos a ópera do novel compositor Rui Coelho *O Serão da Infanta* cujo libreto é de Teófilo Braga. O joven artista e o ilustre escri-

tor fizeram uma bela obra que a assistência delirantemente aplaudiu. Destacou-se também pela sua correção artística o grupo que dançou a Pavana ensaiada pelo professor Zenoglio.



O grupo de senhoras e cavalheiros que dançou a Pavana da ópera *O Serão da Infanta* na recita de S. Carlos

(Clichsé Benollet)



O chefe do Estado votou na igreja de Belem por ocasião das eleições municipais sendo muito aclamado pelo povo que o aguardava á porta do templo. Estavam tambem ali o sr. dr.

Aurelio da Costa Ferreira, diretor da Casa Pia e o pessoal superior d'aquêle estabelecimento, aguardando o presidente da Republica.



1. As eleições municipais : O presidente da Republica votando na igreja de Belem.—2. A festa da bândeira no 1. dezembro: O chefe de Estado e os membros do governo junto ao monumento dos Restauradores.—*Clélio Benollet*



As crianças da escola paroquial do Sacramento plantaram no largo do Carmo, em frente do liceu, uma árvore comemorando o dia da festa da bandeira que jamais esquecerá às suas mentes infantis tal foi a alegria e o júbilo que reinou durante esse ato.



O Instituto Superior do Comercio instalou-se no edificio do Quelhas tendo sido inaugurado em 29 de novembro e a oração de *sapientia* proferida pelo sr. Rodrigo Pequito decano do corpo docente.

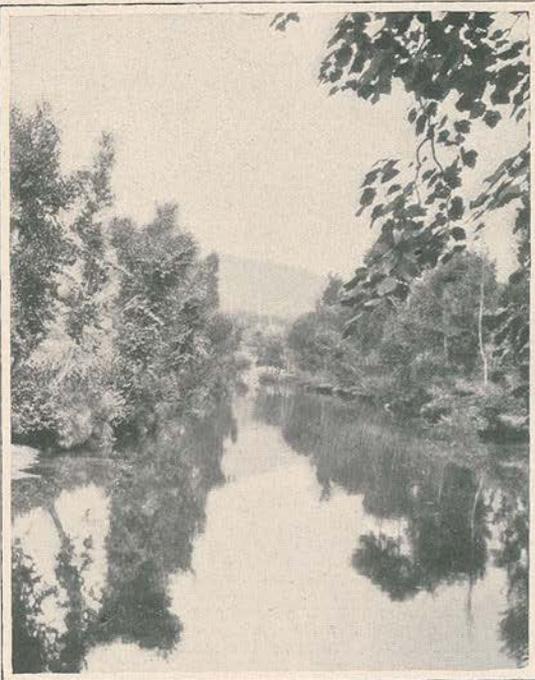


1. A plantação d'uma árvore, no largo do Carmo no dia da festa da bandeira, pelas crianças da escola do Sacramento.—2. No dia da abertura do Instituto Superior do Comercio: O chefe do governo, ministros da instrução, e do fomento e o corpo docente composto pelos srs.: Maupeyrin Santos, Mendes Leal, Marrecas Ferreira, Francisco Correia, Severiano Monteiro, Vitorino Guimarães, Rodrigo Pequito, Caetano Veiga, Lino Neto, Lutz Viegas e Alfredo King.—3. A sessão d'homenagem ao sr. ministro da Argentina promovida pela Academia dos Estudos Livres e realisada no Liceu Pedro Nunes

(Clichés Benollet)

# Um recanto pitoresco do Minho

É a provincia do Minho por certo aquella que oferece ao seu visitante maior numero d'atrativos naturaes pelas variadissimas belezas que encerra, sendo tida, e com razão, como a provincia portugueza por excellencia. Se o viandante considerar com attenção o desenrolar incessantemente variado do cenario que o acompanha, aqui rico em campos bem cultivados e verdejantes, salpicados de longe em longe por cabanas colmeadas ou por casinhas alvas como roça estendida ao sol, além em espessos pinhaes que descem pelas encostas ás ondas verde-negras, entrecortadas pelo verde alegre dos castanheiros, e mais além cheio de pedregulhos, por entre os quaes brota o tojo e o cardo, reconhecerá em breve por estes e outros

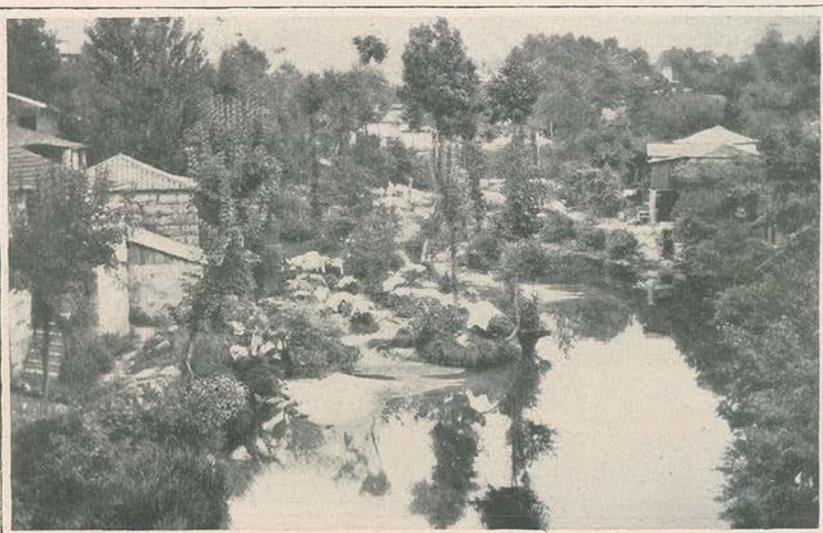


Um trecho pitoresco.

contrastes, que temos razão em chamar ao Minho a mais bela das provincias portuguezas.

Na verdade não se vêem ali nem as extensas e aridas planicies do nosso Alemtejo, nem os abrutos despenhadeiros, ao fundo dos quaes se revolvem com estrepito grandes torrentes formadas sobretudo pelas chuvas, panorama desolador que caracteriza as nossas Beiras; mas as aguas ali deslizam suavemente por declives doces e são repartidas com facilidade pela mão do homem, d'algum visinho rio, para lhe ir fertilisar os campos, deparando-nos a natureza as galas de uma longa primavera.

O quadro, que d'uma eminencia se disfruta, é inolvidavel pela variedade dos motivos e



Azenhas.

pela riqueza da coloração. E é esta coloração com cambiantes admiráveis, devidas às ondulações do terreno graciosamente caprichosas, que fazem recordar com encanto a quem já percorreu a Suíça as maravilhas naturais d'este paiz.

Analisando com mais atenção a região que vai de Gui-



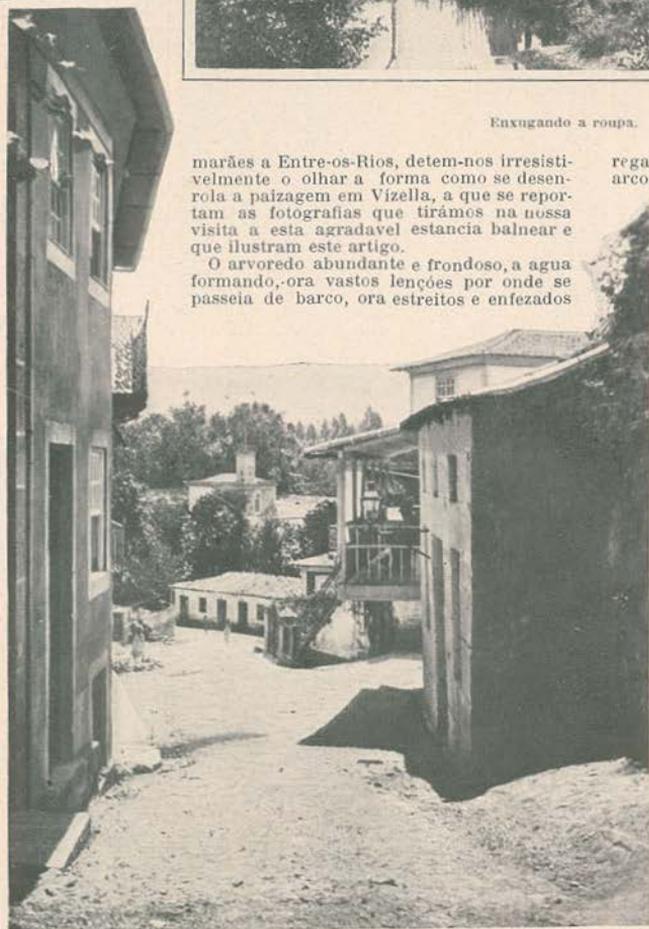
Enxugando a roupa.

marães a Entre-os-Rios, detem-nos irresistivelmente o olhar a forma como se desenrola a paisagem em Vizella, a que se reportam as fotografias que tirámos na nossa visita a esta agradável estância balnear e que ilustram este artigo.

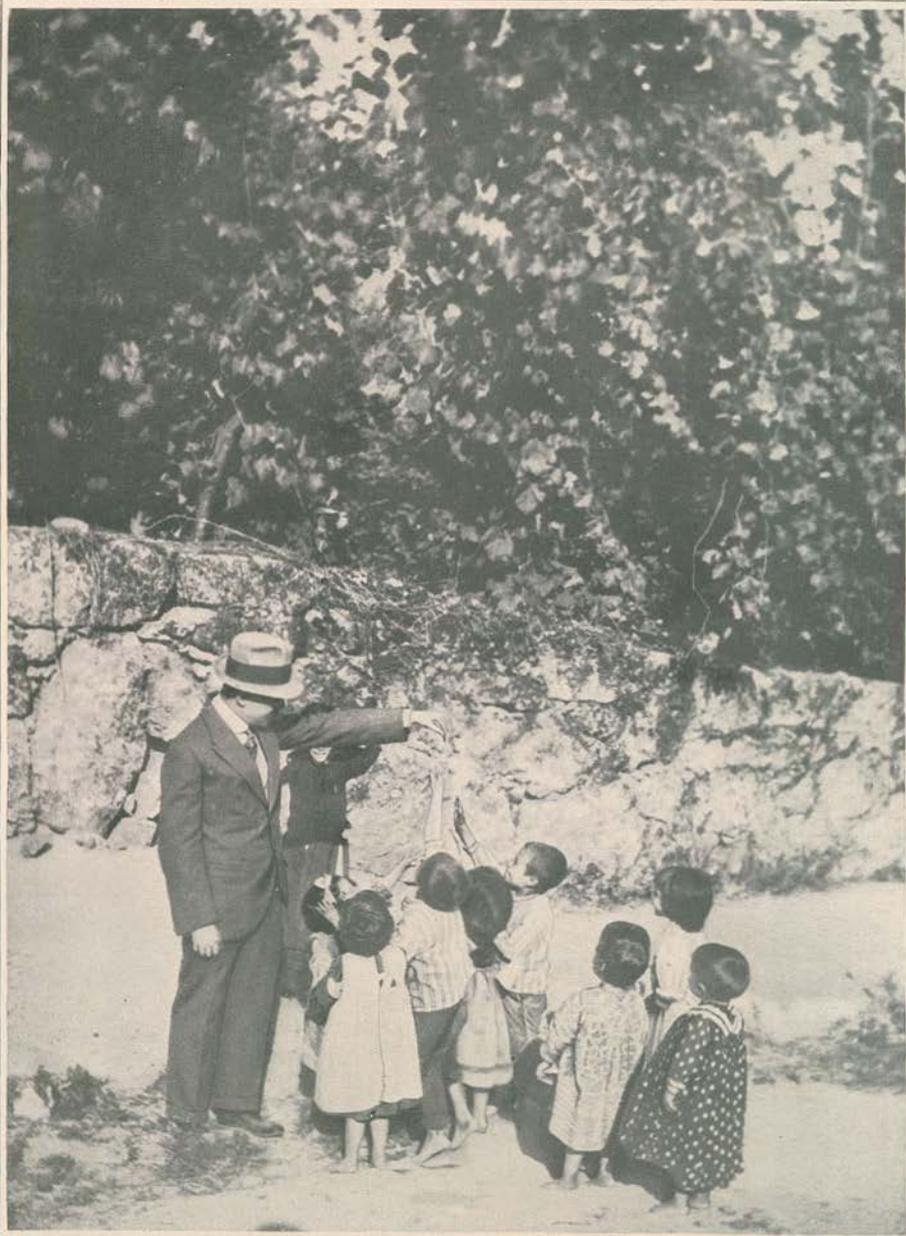
O arvoredado abundante e frondoso, a agua formando ora vastos lençoes por onde se passeia de barco, ora estreitos e enfezados

regatos, passando aqui sob os arcos d'uma ponte secular, além, impetuosa, quebrando-se contra grossos penedros e arrastando seixos redondos e muito brancos que a limpidez deixa perceber no fundo sobre um leito d'areia fina; as margens assombreadas por arbustos ou grandes arvores formando massiços de tons harmoniosos que se refletem na superficie lisa das aguas, onde um raio de sol conseguindo esgueirar-se por entre a densa ramaria põe como que laminações d'ouro; tudo isto, acompanhado da vida singela do bom minhoto, do trinar dos passaros pelas ramadas, do chiar dorido do carro de bois e do bater da roupa, que mulheres de saias arreçadas e pés dentro d'agua lavam nas margens á sombra das arvores, cantando as canções tão cheias do suave perfume da nossa terra, enquanto os filhos róticos e sujos chapinham ou tomam banho, forma o enebriante painel d'uma natureza, que não tem igual talvez na Peninsula.

Percorrendo as ruelas



Uma rua em Vizella.



Distribuindo dinheiro ás creanças.

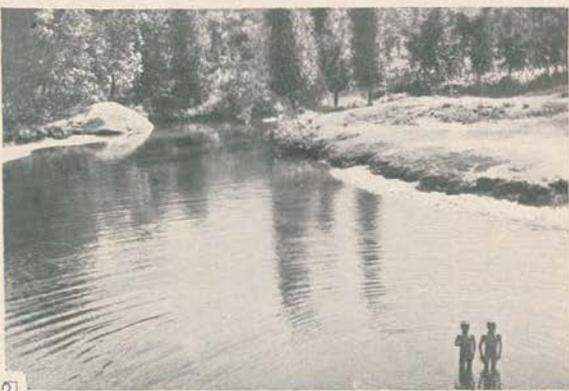
estreitas de Vizela, de piso acidentadíssimo, cobertas pela maior parte de latadas que as ensombream e lhes imprimem um cunho particularmente pitoresco, veremos a uma porta a velha octogenaria segu-

rando com a mão esquerda a usada roca enquanto com a direita faz dançar o fuso; a outra, uma forte moçoila de belos olhos negros, arrecadas d'ouro nas orelhas, lenço atado com as pontas sobre a nuca,



1

d'onde escapam alguns caracões e grossos e molduram este tipo característico de minhota, saia de côres garridas, cozendo, sentada na soleira e embalando com o pé o berço tosco, onde o filhinho já dorme, chupando



2

ainda no indicador.

E por todas elas enxameia a pequenada à mistura, por assim dizer, com toda a espécie de criação que esgravata, pia ou graxa n'uma verdadeira liberdade paradisiaca.

Mas os turistas e os fre-



3

1. Visela—O mercado da 5.ª feira.—2.º Tomando banho.—3. A rua da ponte velha.



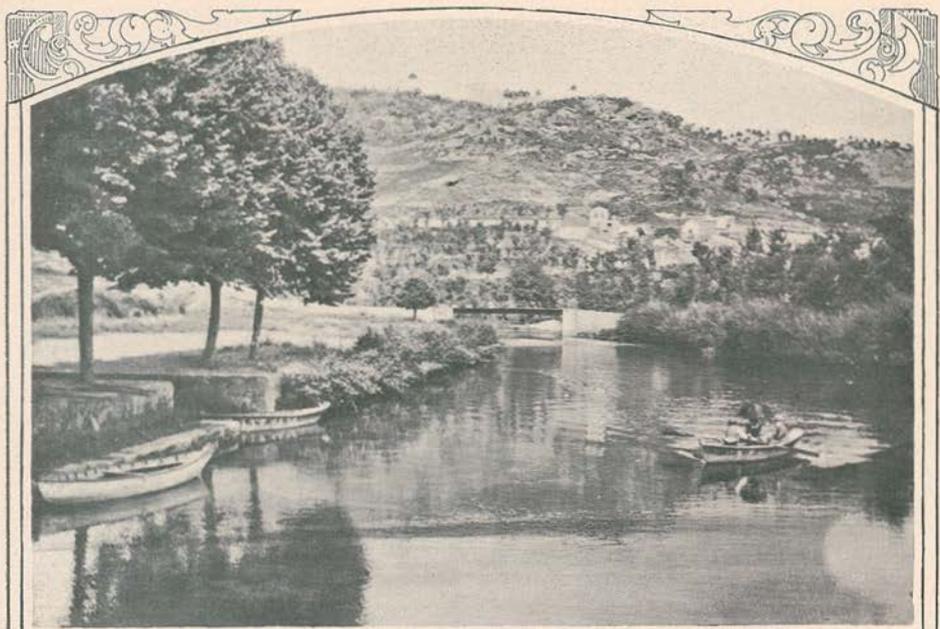
Fiscaidores no rio

quentadores das termas não se cansam muito pelas ruas de Vizela. Distribuem-se em graciosos grupos de homens e senhoras

por aqueles arredores, ora passeiando à sombra deliciosa do arvoredo, ou remirando-se nas águas límpidas como cristal fluido,



Um carro de bois



Vizella—O embarcadouro

ora alcandorando-se pelas eminências, absor-  
tos nos magicos panoramas que se lhes  
desenrolam á vista e dos quaes se tra-

zem impressões que se nunca mais apa-  
gam.

A. SANCHES DE BAENA.



Lavadeiras no rio

# Os vestígios da passagem dos portugueses pela Abissínia

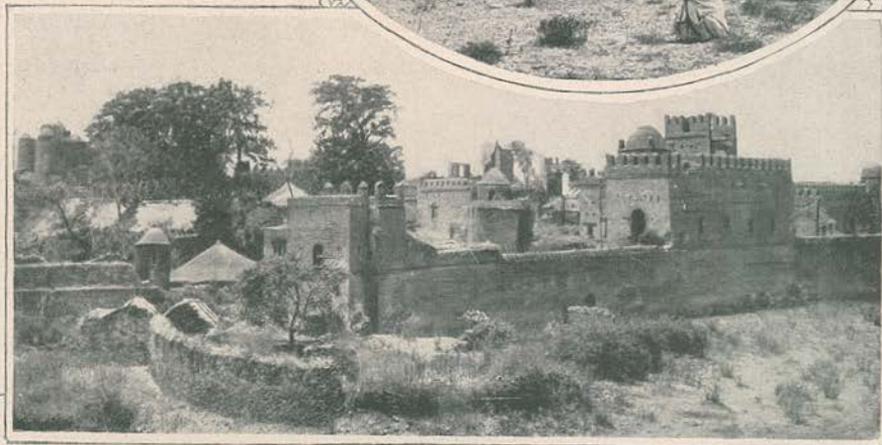


Torre da esquina em Gondar.

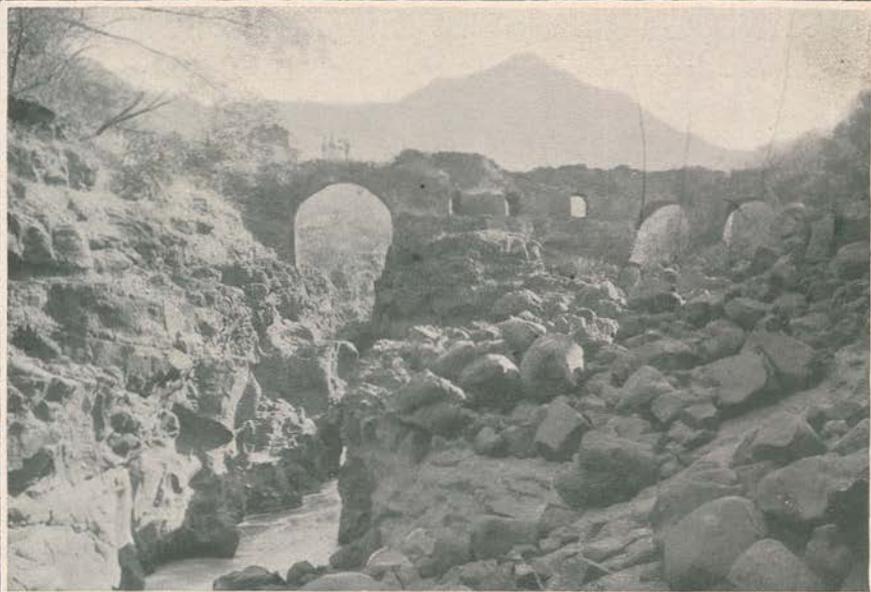
dê presentes, regosijava-se, ele, cristão, que estivessem os seus em trato com católicos reis mas guardava Pero da Covilhã,

O primeiro português que foi ao império do Negus em busca do celebre e legendario Prestes João chamava-se Pero da Covilhã e era cavaleiro. Foi no reinado d'Afonso V antes que a aventura tivesse entrado nas almas de todos os portugueses e que Fernão Mendes Pinto tivesse andado de carcere em carcere, de mão em mão pelos exóticos paizes dos misterios e das pedrarias.

A Abissínia—a Ethiopia—viu o Pero da Covilhã e se não o fez rei como os peguanos a Salvador Ribeiro de Souza, guardou-o pelo menos. O imperador Alexandre, tratou-o sempre com uma grande deferencia, casou-o com uma das mais ricas abexins e quando faleceu houve da parte do seu successor uma grande vigilancia para que o portuguez não deixasse o paiz. O negus recebia as embaixadas, enchia-as



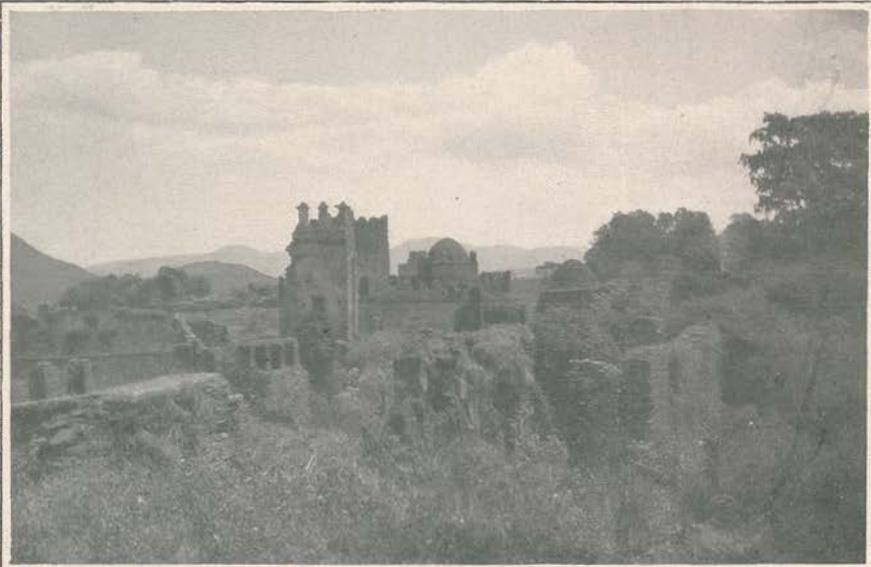
2. A vista de Gynti do lado da cidade.—3. Vista total de Gynti de Gondar



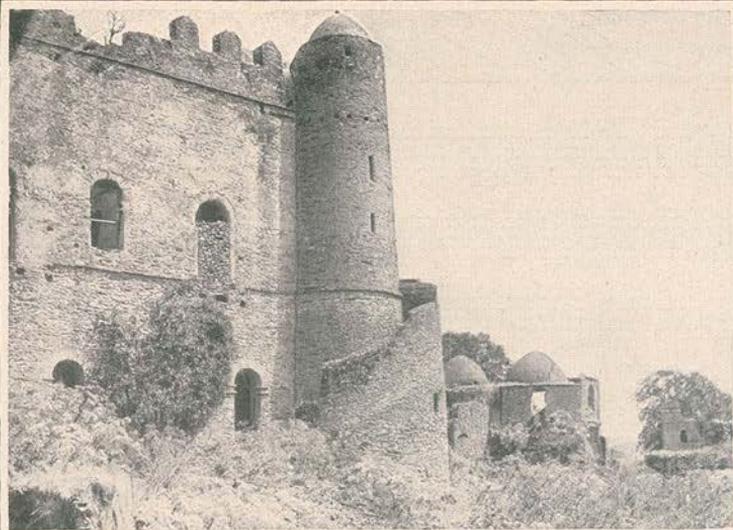
Dida a ponte velha portuguesa sobre o Nilo azul

Pouco a pouco outros portugueses se foram ali estabelecer e as raças cruzaram-se e dentro em alguns anos entre as cabanas de colmo que ainda usam os

abexins foram aparecendo as construções de pedra; saíam como por encanto da terra as fortalezas e os edificios de miranetes recortados á mourisca e os nossos



Hulnas em Gondar



1. O castelo no Gemp de Gondar.

foram tendo na Ethiopia inteira uma larga preponderancia. Quando Fernão Mendes Pinto lá foi a princeza Helena recebeu-o e aos seus companheiros com verdadeiro carinho, e o mais extranho aventureiro de Portugal poudo vêr como os seus antecessores tinham já introduzido os costumes na

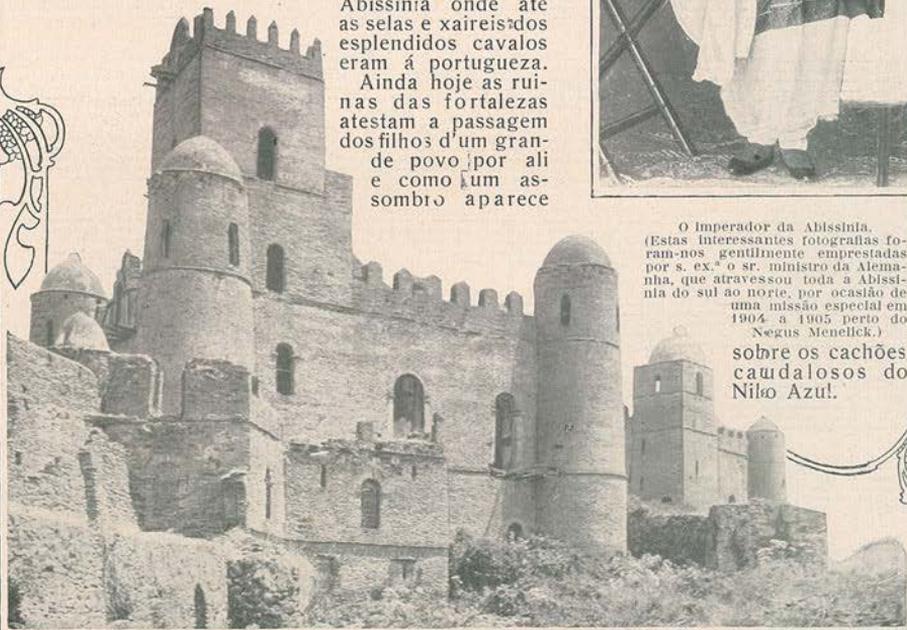
Abissinia onde até as selas e xaireis dos esplendidos cavalos eram á portugueza.

Ainda hoje as ruinas das fortalezas atestam a passagem dos filhos d'um grande povo por ali e como um asombro aparece



O Imperador da Abissinia. (Estas interessantes fotografias foram-nos gentilmente emprestadas por s. ex.<sup>a</sup> o sr. ministro da Alemanha, que atravessou toda a Abissinia do sul ao norte, por ocasião de uma missão especial em 1904 a 1905 perto do Negus Menelick.)

sobre os cachões caudalosos do Nilo Azul!



Ruínas da praça forte do Imperador Gemp em Gondar.



# Mimi



*Moderato*

*Introdução*



# MAZURKA

A. VASQUES DE CARVALHO  
A MINHA FIDELIDADE  
MARIA DO CARMO MAIA VASQUES



# Figuras e Factos ..



1. Sr. Lupi Fernandes, socio da empresa do teatro Gil Vicente.  
2. Sr. Vitor Reis, socio e electricista da empresa Gil Vicente de Lourenço Marques.



6. O ministro da Inglaterra sir Carnegie á entrada do palacio de Belem no dia da entrega das suas credenciaes ao sr. dr. Manuel d'Arrlaga, presidente da Republica. (Cliché de Benoit)



4. Sr. José Pocarilha da Costa Frelhe, illustre medico naval, falecido em Lisboa.—5. Sr. José Martinho da Costa, antigo funcionario do fomento, recentemente falecido.

O novo ministro de Inglaterra em Li boa, que occupou o cargo de conselheiro de legação em Paris, é um dos mais illustres diplomatas inglezes que vem continuar em Portugal as fidalgas tradições dos seus antecessores.

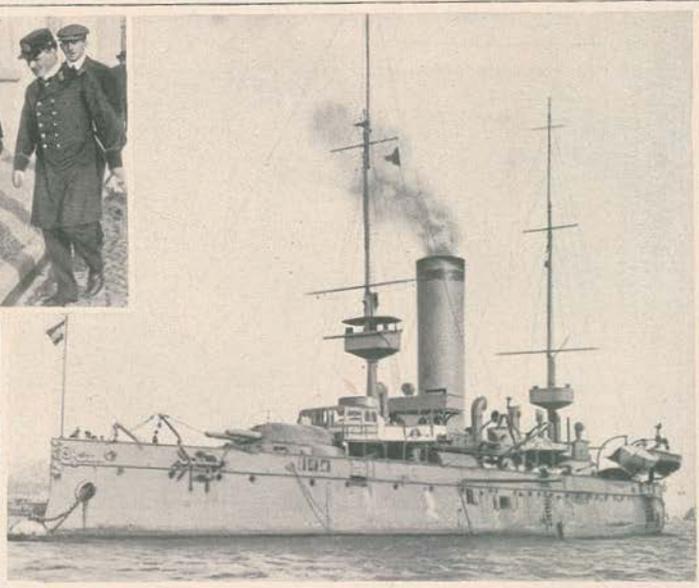


7. Antes do embarque do sr. Fernão Boto Machado, ministro de Portugal no Panamá. Os seus amigos e as creancinhas do Centro de que é patrono aquete diplomata.—8. O sr. Fernão Boto Machado fardado de plenipotenciario. Foi a primeira farda de ministro da Republica que se fez em Portugal, sendo o trabalho executado nos ateliers Marques.—(Cliché de Hobone)



1. O comandante do cruzador *Kortender*, sr. Goener, com um oficial de bordo.

Esteve no Tejo o cruzador holandez *Kortender* cujo comandante sr. Coener cumprimentou o ministro da marinha tendo recebido a bordo a retribuição d'esses cumprimentos e saindo depois de regresso á Holanda.

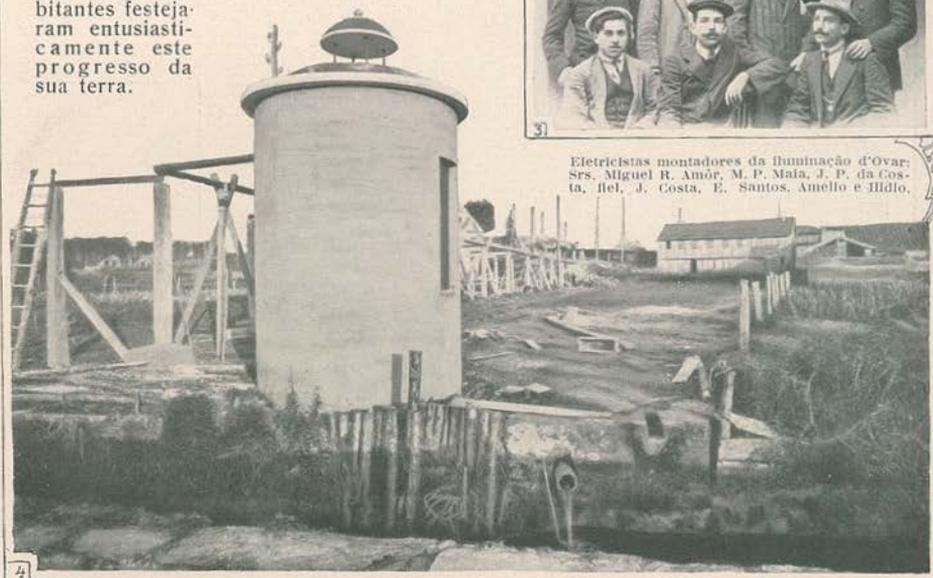


2. O cruzador holandez *Kortender*, fundeado no Tejo.—(Clichés de Benollel)

As instalações electricas d'Ovar são das mais perfeitas como tem sido comprovado com a bela luz que ilumina a pitoresca localidade cujos habitantes festejaram entusiasticamente este progresso da sua terra.



Electricistas montadores da iluminação d'Ovar: Srs. Miguel R. Amor, M. P. Mala, J. P. da Costa, Ilei, J. Costa, E. Santos, Amello e Ildio.



4. Instalação da bomba centrífuga movida a electricidade para o fornecimento d'agua á fabrica de electricidade d'Ovar. (Clichés do distinto fotografo amator sr. Ricardo Ribeiro)

O divorcio do principe Guilherme da Suecia, filho de Gustavo V., causou uma profunda sensação pelas razões misteriosas ainda que levaram a princeza Maria, filha do grão duque Paulo Alexandrovitch, a solicitar a separação.

Ao começo tentou-se pôr um entrave a esse divorcio real, alegaram-se mesmo razões d'estado, receou-se uma quebra de relações com a Russia, mas, ante a insistencia da princeza, o facto consumou-se sem que por isso a Russia—os interesses dos povos ja não são os das familias reinantes—deixe de concorrer com os seus produtos á exposição de Malmoe. O filho d'estes divorciados, o pequeni-



O principe Guilherme da Suecia, filho do rei Gustavo V, cujo divorcio causou uma grande sensação

no principe Lennart que tem 4 anos, ficará com a familia de seu primo, o principe Carlos, que tem tambem creanças da sua idade e ser-lhe-ha dado como apanagio o castelo de Oakiel, uma propriedade magnifica, d'um verdadeiro esplendor regio e que fica no parque Djurgarden, o qual constituiu o presente de nupcias da familia imperial russa á gran-duqueza agora divorciada e que se retirou para Paris.

O principe Guilherme usa o titulo de duque de Sudermania, é official de marinha e tem vinte e nove anos; a princeza tem vinte e trez anos e retoma o seu titulo de gran duqueza Maria Pavlovna.



Sr. Carvalho Mourão autor do livro *Petalas de Rosas*

A moderna poesia portugueza tem como sempre os seu devotados cultores seguindo as tradições d'aquelles cujos nomes ficaram na historia literaria e receberam a mais merecida consagração do publico. Vão aparecendo poetas novos e entre eles o sr. Carvalho Mourão que se estreou com o seu interessante livro *Petalas de Rosas*.



O estabelecimento dos srs. Paraiso Pereira & C.ª de Coimbra que tem sido desenvolvido com uma grande persistencia e aturado trabalho dos seus proprietarios



Paulo Pataco, o celebre banheiro recentemente falecido

Paulo Pataco chegou a ser um tipo popular. As suas barracas de banhos na praia de Pedrouços eram as preferidas. O banheiro velho sabendo acarinhar os freguezes começou a fortuna que legou aos filhos tendo continuado Paulo Pataco a mesma vida e deixando ao falecer mais de sessenta contos de reis ganhos com o seu esforçado, quotidiano e difficil trabalho.

# Inauguração da Escola Mariana de Moraes



1. As alunas com as suas professoras.

Foi inaugurada com grande pompa a escola Mariana de Moraes situada na rua do visconde de Santarem e que foi um piedoso legado do sr. José Luiz de Moraes cuja família assistiu à solenidade assim como um delegado do ministro da instrução publica e outros funcionarios.

O legado foi de cem contos e o estabelecimento é uma escola asilo na qual se internaram já dezoito creanças cuja educação será feita a expensas do rendimento da quantia deixada para esse fim. Foi entregue a direção da escola a pessoal habilitado e o ensino ao cuidado da professora sr.<sup>a</sup> D. Amelia Barreto.

O descerrar da lapide na Escola Mariana de Moraes



A familia de José Luiz de Moraes que assistiu à Inauguração.

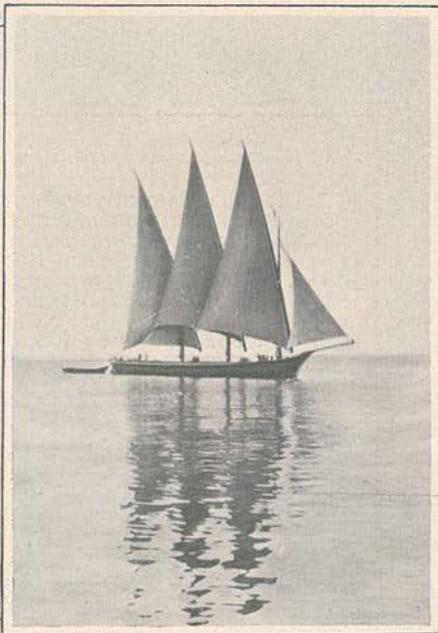
# Lausane

Lausanne é a cidade suíça onde o português gosta de repousar mas onde vae também trabalhar. O medico vae aperfeçoar-se a Lausanne, o engenheiro não deixa de frequentar os seus magníficos

com o seu terraço vasto. A vista alonga-se pelos arrabaldes, pelos fundos maravilhosos dos brancos Alpes e pela imensidade do lago de Genebra que os vaporsinhos vão sulcando assim como os barcos veleiros.

Os quarenta e seis mil habitantes da cidade veem todos os anos legiões d'extrangeiros que se deliciam na sua terra de pitoresco e de paz.

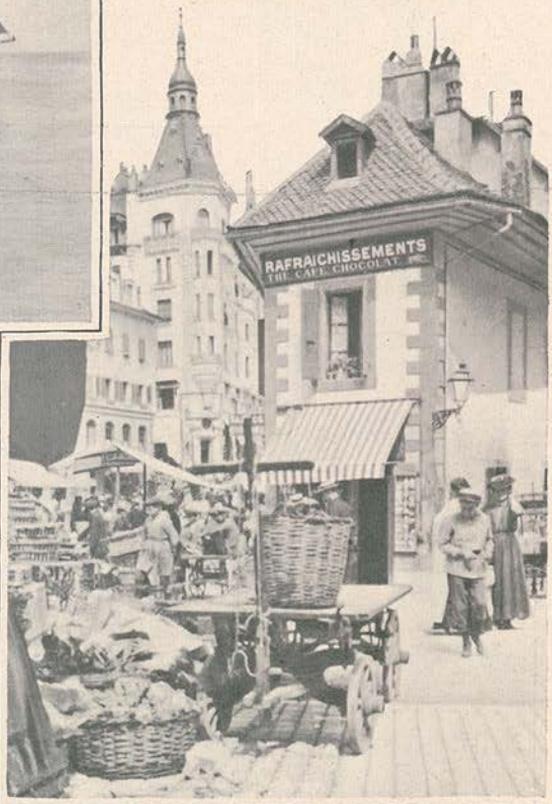
Tem um museu precioso, fabricas de panos que occupam numerosos operarios ha-endo tambem em larga escala o fabrico de instrumentos musicos, joias e relógios de afamadas marcas. Os estrangeiros gosam n'esta terra cheia de magníficos estabelecimentos, d'encantadores aspetos, de maravilhosos panoramas, ter-a de acao e de beleza cujos mercados parecem não ter a sujidade dos outros que existem por toda a Europa.



No porto d'Ouchy

curios de electricidade. Ha ali muitos portugueses e brasileiros já familiarizados com a vida suíça tão calma e tão moralisadora de que enternecidamente falava ha pouco em paginas de serenidade o poeta illustre Alberto d'Oliveira que tanto ama esse paiz pequeno em extensão, grande nos designios e nos resultados conquistados.

Como se sabe fica no pitoresco cantão de Vaud e o portosinho d'Ouchy liga-se por um caminho de ferro funicular que é uma maravilha de ligeireza. Os bairros comunicam entre si pela grande ponte e por tuncéis que são obras primas d'engenharia e do alto da sua catedral gosa-se o mais pitoresco panorama que se pó de imaginar. E' uma igreja do seculo XIII



Um trecho do mercado de Lausanne

Sempre dominou n'essa cidade suíça o espírito científico com larga fama. Primeiro — afirma-o Pierre de Caulevain no seu livro *Au cœur de la vie* — havia os santos, curandeiros milagrosos que se iam consul-

entrem parte da cidade e dos seus hospedes tanto como a beneficencia.

A *Casa do Povo* é como o lar sacrosanto onde ela largamente se pratica destacando-se entre essa beneficencia a *Gota de Leite* que



Hotel du Château no Caes d'Ouchy

tar de longe, depois vieram as dinastias de cirurgiões habilísimos que fazem mover caravanas de doentes de todas as partes em busca d'alívios. Em cidade alguma se meche tanto o bisturi e existem tantos clínicos. Por isso também os estudantes e entre eles portugueses e brasileiros, afluem á universidade para a cirurgia e ás diversas escolas para outras praticas.

Os especialistas mais celebres de Lausanne os drs. Combes e Bourget que tratam de doenças d'estomago chegam a ter partidos na cidade, estabelecendo-se rivalidades, formando-se contraversias. Existem na verdade os Combistas e as Burgetistas e isso



Um canto do mercado

um filosofo tão rico como modesto sustenta.

A *Casa do Povo* tem dois andares e uma apparencia modesta mas ali estão instalados os armazens da Sociedade Cooperativa, a sala das conferencias, o teatro e a vasta biblioteca. E' esta a velha casa. Na nova está a *Gota de Leite* com o seu parque, as suas officinas onde se esterilisa o leite, com as suas cozinhas onde as creanças vão beber o precioso alimento.

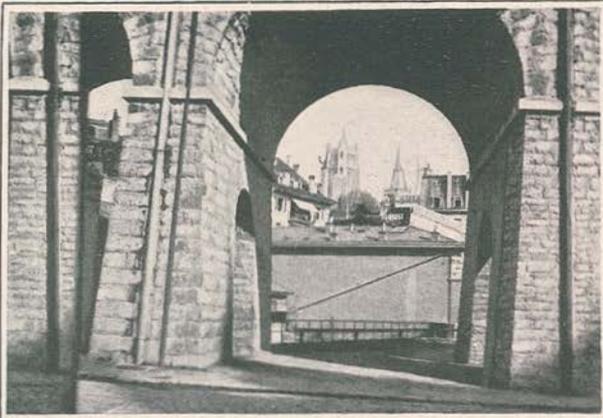
Nas ruas os carros vóam conduzindo de bairro para bairro o povo, levando-o para o campo, onde se diverte nos dias de folga sobretudo no Jorat que fica a 845 metros de altitude.

Os funiculares passam como carrinhos de

crianças,  
galgam,  
as ribas e des-  
cem-nas n'um  
doce deslizar  
d'encanto.

Quando se  
deixa o des-  
lumbramento  
do topo do  
monte mergu-  
lhando-se na  
cidade ha ain-  
da a beleza  
de luz da ca-  
tedral e do  
castelo de S.  
Mairo.

O bairro on-  
de vivia ou-  
tr'ora a aris-  
tocracia ce-  
deu o passo á  
industria e ao  
comercio e  
d'este modo



Vista da cathedral de Lausanne atravez um arco do viaduto

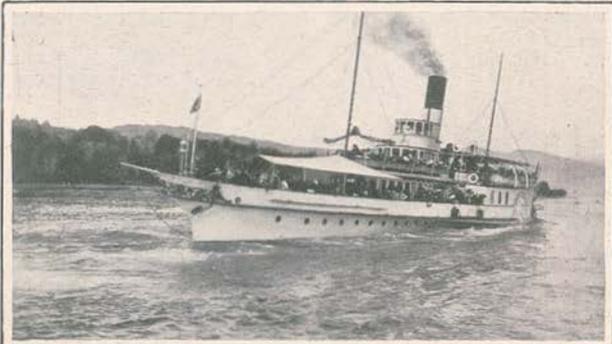
tes, as pa-  
redes com de-  
corações flo-  
ridas assim  
como a fonte  
que é encima-  
da pela estatu-  
a da Justi-  
ça.

Mas o culto  
do povo de  
Lausanne vol-  
ta-se todo  
para a vetus-  
ta beleza da  
sua cathedral  
que se vae res-  
taurando sem-  
pre cuidadosa-  
mente, não  
deixando de  
se lhe dar uma  
pedra em tro-  
ca d'outra que  
cahe, de faz-  
zer um reboco



2. Um regimento de cavalaria suissa.—3. Tocador de cõr dos Alpes.

as vastas ca-  
sas mostram  
táboetas nas  
lindas varan-  
das de outros  
seculos como  
se fossem recla-  
mos cola-  
dos em bra-  
sões. A casa  
da Camara é  
uma evocação  
do passado  
com as jane-  
las Renascen-  
ça, as gargu-  
las interessan-



onde a pare-  
de se esfarela,  
havendo um  
religioso res-  
peito pelos  
magnificos tu-  
mulos onde  
jazem os bis-  
pos. No meio  
de todas estas  
recordações  
do passado  
surgem palpi-  
tantes e vivos  
os confortos  
do nosso tem-  
po como são

Barco no lago Leman

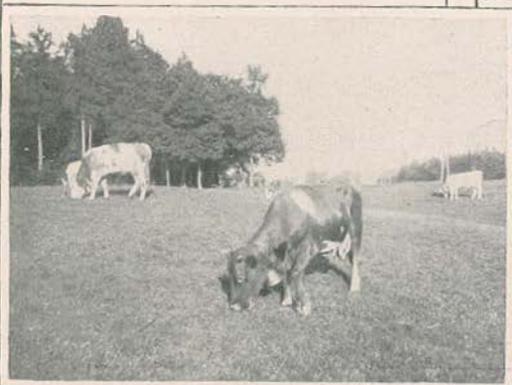


Uma rua á entrada de Ouchy

as *casas de chá* sendo as mais características as de Nyffenegger, na rua do Burgo e Old India que é a casa do cosmopolitismo onde vão os estudantes de todos os paizes passar as suas horas d'ocio. Tem um aspeto singular, babelico mesmo, vendo-se os mais variados trajos. Ao lado dos barretes turcos aparecem os feltros hespanhoes, os chapéus tirolezes com a sua pena de galo, os panamás brasileiros e até os chapéus bem portuguezes. Entre estes



A igreja de S. Francisco



Nos arredores de Lausanne

as toques das raparigas das escolas destacam e também os vus das automobilistas erguidos sobre os seus bonets pitorescos.

Lausanne torna-se cada vez mais cosmopolita, ali vae dar gente de todas as raças, abrigam-se todos pros-critos e também todos os desportos.

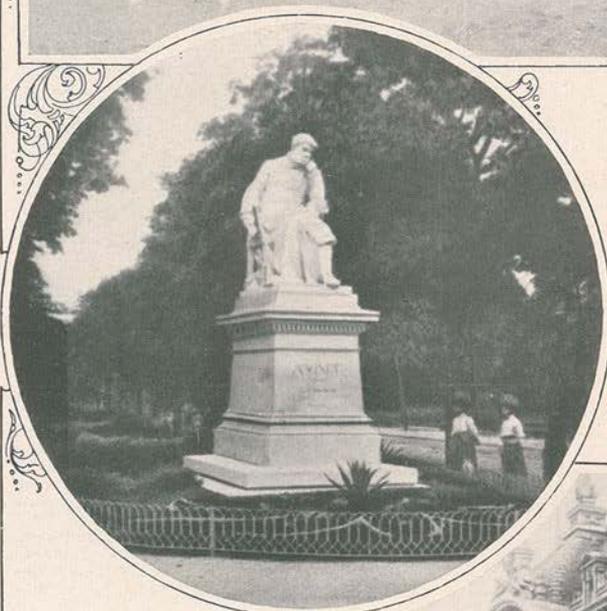
Os dominicanos expulsos de França assim como as religiosas de Evian ali se instalaram assim como nos seus campos o «tennis», o «golf», o «foot-



Concurso de hidro-aeroplanos

que ambas as partes teem a ganhar.

E' assim cheia de tradição e de modernismo, de distincção e d'egualdade, de cosmopolitismo e nacionalismo, como uns estranhos paradoxos, essa linda cidade que é uma perola na aceiada Suissa que parece ter resguardado o seu povo dos maus contagios pelas suas altas montanhas mas sendo-o na verdade pelas suas nobres virtudes.



Estatua de Virel

ball», o «ski» se praticam n'um internacionalismo digno mas que não atinge os suissos.

Eles ficam sempre os habitantes do velho cantão de Vaud sem a menor macula, simplistas, firmes, utilitarios tendo uma grande dignidade mesmo nas baixas profissões. As creadas, as cozinheiras, as amas escrevem ás pessoas que vão servir impondo as suas condições n'um tom quasi de egualdade de quem se sente necessario ou trata um negocio em



Banco Cantonal

(Litheta do distinto amator sr. Madall Lopes Monteiro que gentilmente os ofereceu á Illustração Portuguesa

# PORTUGAL EM S. PAULO

## A LOJA DO JAPÃO



Ainda que prepondera, pelo numero, a colonia italiana em S. Paulo, é preciso acentuar o facto. Grato para nós outros, de que importantes estabelecimentos commerciaes pertencem a patricios nossos. D'entre eles destaca-se a firma Garcia, Nogueira & Comp.<sup>a</sup> proprietaria da originalissima *Loja do Japão*.

Fundada ha trinta annos pelo socio e chefe da casa, sr. Manuel Garcia da Silva, é dirigida pelos seus antigos empregados, hoje seus socios srs. José dos

Santos Lima e Ernesto Maximo Nogueira.

Dissemos ser originalissima a *Loja do Japão*, não só pela variedade de secções em que estão divididos os negocios da firma, como pela forma, requintadamente, artistica, que ella emprega na exposiçãõ das suas manufacturas.

A *Loja do Japão* é conhecidissima em todo o Sul do Brazil. Especializando-se em artigos que não encontram muitos similares no mercado, taes como cêra, chá, sementes, artigos de carnaval e fogos de artifício, esta casa que se tem desenvolvido pela energia de portuguezes, possui a melhor agencia de banco que existe em todo o Brazil. É a representante do Banco do Minho. O numero sempre crescente de operações é de tal maneira importante, que bem pode dizer-se ser esta agencia o melhor subsidio para a historia da vida economica da colonia portugueza em S. Paulo. A



1. O salão de vendas.—2. Fachada do edificio *Loja do Japão* na Rua de S. Bento, 54, em S. Paulo.—3. Estabelecimento hortícola *A Chacara do Japão*



A agencia do Banco do Minho

sua venda de cambias para as provincias da Beira Alta, Traz-os-Montes e Minho é o melhor testemunho de como o portuguez se interessa a valer pela sua terra, enviando-lhe todos os recursos de que pode dispôr, enriquecendo-a. Sobee a milhares de contos fortes o que a agencia manda para Portugal anualmente.

Esta importante firma possui, tambem, um estabelecimento de horticultura modelar no Brazil,

Tem a *Loja do Japão* uma fabrica de fosforos cuja marca *Violeta*, é a unica que rivalisa com a marca *Olho*, conhecidissima e apreciada no sul do paiz. Uma grande fabrica de velas de cera para egreja e promessas é tambem propriedade da casa. Os seus trabalhos de lavôres em cêra grangearam-lhe um primeiro premio na exposiçãõ de S. Luiz.

A *Loja do Japão* honra o commercio portuguez no Brazil, e no Estado de S. Paulo, dignissimo de



Deposito de mercadorias

a que pitorescamente chamou *Chacara do Japão*, onde se encontram exemplares rarissimos de varias arvores de fruto, de ornamento e de sombra. E' o melhor deposito de sementes que existe no Estado de S. Paulo, plenamente confessado por horticultores estrangeiros que o tem visitado.

iniciativa individual italiana, tem o duplo valor de ser dirigida por portuguezes que o são a valer.

S. Paulo, Novembro 1913.

JOSÉ SIMÕES COELHO.



## ZACCONI no teatro da Republica

A arte do ator é, simultaneamente, reprodução e criação. Mas quando, através de excepcionaes temperamentos, ela atinge a complexidade admiravel d'uma obra humanamente perfeita, as proprias faculdades e exigencias de reprodução, que são a expressão vulgar do teatro, apagam-se e, animado d'uma essencia divina, só o que n'essa arte é criação e traçificação surge ante nós. Não é, no tablado, a realidade reproduzida: é a vida transfigurada e vivida.

Zacconi é um d'esses creadores d'almas — o mais completo, o mais assombroso que o teatro contemporaneo possui. Não sei se o genio historico, em algum outro momento, produziu mais maravilhoso ator. Não sei se virá a apparecer algum dia temperamento mais completo. Não

isso, imenso como um espetaculo da natureza e, como um espetaculo da natureza, empolgante e belo.

## A HONRA JAPONEZA no Teatro Nacional

UMA lenda popular no Japão, Paul Antheime fez os seus quadros de maravilhosa côr, de heroica nobreza, de tragica simplicidade, que o Teatro Nacional nos deu, ultimamente, n'uma tradução excelente do jornalista illustre que é o sr. Melo Barreto e com um luxo de *mise-en-scene* que a critica unanimemente louvou. O teatro occidental só nos dera até hoje o Japão das *mousmés*, das *luichas*, dos leques — e das sedas. Antheime dá-nos esse Japão pitoresco e dá-nos mais alguma coisa: dá-nos o Japão vivo,



O grande ator Ermete Zacconi

sei — mas confesso que não o concebo. Zacconi não nos dá arte: dá-nos vida — e a vida não se excede. E, mais do que a vida aparente e visivel, Zacconi, em cuja alma exis'te o occulto poder de mil almas, dá-nos a vida profunda e recondita, a vida sub-consciente e animica.

Quando o genio atinge esta expressão misteriosa e universal, torna-se uma força da natureza. Zacconi, escultor de almas, agitando, modelando, premendo, nas suas mãos potentes, o barro do nosso espirito, cria e destroe, dentro em nós, em torno de nós, mund's de dor e afeto, agonia e sonho. O espetaculo da arte de Zacconi é, por



A atriz Ines Cristina

o Japão nobre, o Japão guerreiro e humano e, com ele, uma lição de força e de fé. Durante mais de tres horas, a *Honra Japoneza* fala-nos de bravura, de fidelidade, de justiça, d'amor — e embriaga-nos de sol e do perfume das flores. São coisas de que, ha muito, a secura e o ceticismo da arte moderna nos divorciaram mas que, apesar d'isso, ainda têm o segredo de comover as almas fracas, que nós somos.

A *Honra Japoneza* é um drama — e é tambem uma successão de paizagens. As almas, como as sedas, são exoticas. Os conflitos, como as perspectivas, são estranhos. Aquelles guerreiros que se



Uma cena do 4.º quadro da *Honra Japonesa*

desafiam, brincando com um leque—e que matam e morrem, para nos ensinar que saber morrer é a mais bela forma de viver, estão, de certo, bastante longe de nós para nos comover profundamente, mas, por isso mesmo, mais facilmente excitam a nossa fantasia incredula. É uma impressão curiosa vel-os falar e lutar, esses japonezes, pintados e inquietos. Estávamos habituados a co-

nhecel-os, apenas, fóra da mímica dos atores da Sada Yacco, no brilho dos esmaltes e nas figurinhas das chicaras de chá. A *Honra Japonesa* é um lindo biombo animado e vivo de sangue e de sol: um lindo leque que se move e fala. É extravagante e é imprevisito.

A. DE C.



O final da *Honra Japonesa*

(Cliché de Benolle)

# Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuto

D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

Sederia  
**Schweizer**  
franco  
de porte a domicilio.  
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peça as suas amostras franco.  
**Schweizer e Ca.,** Lucerna E II  
(Suissa)

**TRABALHOS TIPOGRAFICOS**  
= EM TODOS OS GENEROS  
Of. da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA  
R. do Seculo, 43—LISBOA

## CASA BANCARIA

Moreira, Gomes & C.<sup>a</sup>

ARMAZEM DE FERRAGENS

7—RUA 15 DE NOVEMBRO—7  
PARA

COMPRAM E VENDEM MOEDAS DE TODOS OS PAIZES



Sacam sobre todas as praças  
do mundo ao melhor cambio

Na Italia fazem paga-  
mentos aos domicilios

## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE  
E FISIONOMISTA DA EUROPA

**Madame BROUILLARD**



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicacoes practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a \$3000 rs., 2500 e 5000r.

43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—LISBOA. Consultas a \$3000 rs., 2500 e 5000r.

## ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA

LUZ A GAZOLINA

*Wipac*

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PODER ILUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMACOES A PARAIZO, PE-REIRA & C.<sup>a</sup>—COIMBRA

Do-se Representantes em todos os concellos



# Goerz Triëder Binocles

Campo de visao amplificado  
Limpidez e plastica augmentadas

A venda em todas as lojas d'estes artigos.

Lista dos preços gratis.

Opt. Anst. **C. P. GOERZ** Akt.-Ges.

Berlin-Friedenau 111

Paris Londres Viena Nova York

# Companhia Carris de Ferro de Lisboa

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

ENDEREGAR TODA A CORRESPONDENCIA  
À SEDE EM  
SANTO AMARO  
LISBOA



ENDEREÇO TELEGRAPHICO  
«TRAMWAYS, LISBON»

CODIGOS TELEGRAPHICOS USADOS  
A. B. C.  
BROOMHALL.  
LIEBER

Carta n.º

MAB

Inclusos

ACM

Lisboa, 18 de Outubro de 1913

Exmos. Snrs.

A. E. G. Thomson-Houston Iberica

Sociedade Anonyma

Largo do Corpo Santo, 13-3º-Dº

Lisboa.

Exmos. Snrs.

Temos muito prazer em certificar que usamos presentemente para a illuminação nos nossos carros a lampada "Egmar", cujos resultados nos satisfazem em absoluto.

Com muita consideração, somos

De V. Exas

Attos. Vens.

Pela Companhia Carris de Ferro de Lisboa  
OS DIRECTORES

*Factos são factos e contra factos não ha argumentos.*

*Mais uma prova evidente da resistencia e incomparavel  
qualidade da lampada*

# EGMAR